

A COLECIONADORA

Blogueira conta por que quer
transar com cem homens Págs. 8 e 9

FOLHA DE S. PAULO ★ ★ ★
TERÇA-FEIRA, 22 DE NOVEMBRO DE 2011

equilíbrio



DOSE DUPLA

Avanço das técnicas de reprodução assistida causa epidemia de gêmeos; eles acabam de criar
uma associação para saber quantos existem no país e estimular pesquisas científicas Págs. 4 a 7



Os irmãos Rafael (de laranja) e Leonardo, 1 ano e 8 meses, que disputam brinquedos

Foto: Adriano Vignati/Folhapress

Mútiplos se unem para mapeamento

COLABORAÇÃO PARA A FOLHA

Mesmo não sendo uma classe, gêmeos acabam de criar seu sindicato: aconteceu em São Paulo, no dia 11, e reuniu 15 pares, além de dezenas de "simpatizantes".

O interesse da associação é começar um cadastro dos gêmeos brasileiros, espécie de banco de dados para pesquisas científicas: "Estudar gêmeos é interessante tanto para pesquisas genéticas quanto para comportamento. Dá para avaliar se um fator é geneticamente determinado ou induzido pelo estilo de vida a partir do estudo de univitelinos", explica Alexandre Ghelman, 48, cofundador do sindicato e médico especialista em neurologia do comportamento.

Os gêmeos querem ser mapeados. Entrar para o Censo, se possível. Segundo Ghelman, o sindicato está fazendo contato com geneticistas, psicólogos e outros pesquisadores que baseiam seus estudos em múltiplos.

A primeira tarefa da nova associação será lançar o site Gemialidade, dia 18 de março de 2012, quando é comemorado em São Paulo o ignorado Dia dos Múltiplos, criado pelo vereador Adilson A madeu (PTB) em 2007. "Há caso de trigêmeos na minha família, fui conhecendo outros e achei importante fazer a data", justifica o vereador.

Por meio do site, múltiplos poderão compartilhar informações e preencher uma ficha que facilitará a vida de quem quer pesquisar o tema. O objetivo maior é

convencer o governo a fazer um levantamento estatístico da população de gêmeos.

A reprodução assistida, responsável pelo aumento do número de múltiplos nos últimos anos, é outro assunto de interesse do sindicato: "Não somos contra esses métodos, mas sabemos que toda gravidez de gêmeos é uma gravidez de risco, então achamos válido discutir o assunto do ponto de vista ético, ouvindo a opinião de quem viveu a experiência", explica Ghelman.

A ideia de usar o termo "sindicato" partiu dos irmãos Paulo e Chico Caruso, dupla de cartunistas que ajudou a fundar a associação: "Gêmeos são unidos e sempre conseguem o que querem", diz Chico.

Embora o grupo pretenda representar todo tipo de múltiplo, os fundadores são todos univitelinos. Já dá para prever uma chapa dissidente formada por bivitelinos, que são a maioria. (JULIANA CUNHA)

“ Estudar irmãos idênticos é interessante tanto para pesquisas genéticas quanto para avaliar o comportamento humano

INVASÃO GÊMEIA

Há uma maneira "certa" de educar irmãos gêmeos? Com a popularização da reprodução assistida, aumentam o número de múltiplos e as dúvidas dos pais

JULIANA VINES
DE SÃO PAULO

Neste ano, mais de 10 mil mulheres ficaram ou ficarão grávidas graças a um tratamento de fertilização in vitro no Brasil. Dessas, pelo menos 2.500 terão gêmeos, trigêmeos ou até quadrigêmeos.

Esse número é alto quando se considera que, de forma natural, apenas uma em 88 gestações resulta em gêmeos —1,1% do total.

As estimativas são de Adeline Amaral Silva, presidente da Sociedade Brasileira de Reprodução Assistida. De acordo com ele, a populari-

zação das técnicas de fertilização teve impacto no número de múltiplos no país.

Esse aumento fez também com que surgissem mais e mais livros, blogs e sites sobre cuidados e educação específicos para essas crianças. Os dilemas vão bem além do "roupa igual ou diferente?".

A arquiteta Claudia Herrera, 40, nunca tinha trocado uma fralda até ter seus dois meninos, cinco anos atrás, depois de um tratamento. Levou um susto. "Pensam que ter gêmeos é um conto de fadas. Está longe disso. Eles exigem muitos cuidados, é assustador."

Traumatizada por não ter encontrado um "manual de instruções", a arquiteta escreveu "São Gêmeos, e Agora?" (Phorte, 126 págs., R\$ 39,90). O livro fala de questões operacionais, ajuda a calcular o número de fraldas necessárias, por exemplo.

Caroline Passuello, 34, con-

sultora em análise de risco, é mãe de Leonardo e Rafael, de um ano e oito meses. Para ela, o problema não é o trabalho braçal ou os pijamas iguais que a avó dá, mas a dificuldade para interpretar e atender as diferentes necessidades de cada um dos filhos.

"Um pede mais colo do que o outro. O que eu devo fazer? Devo dar mais atenção para o que pede mais ou então me dividir entre os dois, mesmo deixando um descontente?"

Leonardo e Rafael são gêmeos idênticos. Mas, apesar de terem o mesmo código genético, eles não são iguais, explica a pesquisadora Elvira Souza Lima, autora de "Neurociência e Aprendizagem" (Inter Alia).

"Pesquisas mostram que gêmeos idênticos têm redes

neurais diferentes, que são como a impressão digital do cérebro. Mesmo estando no mesmo contexto, cada um deles tem uma experiência única, o que influencia na formação da personalidade."

RITMOS DIFERENTES

Isso explica porque gêmeos idênticos quase nunca engatinham e falam ao mesmo tempo, o que sempre gera alguma angústia nos pais. Mas esse ritmos não têm nada a ver com inteligência.

"A biologia dá a possibilidade para que os bebês, no terceiro mês de vida, possam esticar os braços e pegar um objeto. Mas se ele vai fazer isso depende de muitos fatores, como se há objetos disponíveis ou não", afirma a pesquisadora.



INTERESSE CIENTÍFICO

Alexandre (esq.) e Ricardo Ghelman, 48, fundadores do Sindicato dos Gêmeos, são os primogênitos de uma família de quatro filhos. Alexandre é neurologista, Ricardo é pediatra. Eles, que sempre estudaram em classes separadas, hoje dividem o mesmo interesse em pesquisar o comportamento dos múltiplos. "Se ter irmão é uma benção, ser gêmeo é um milagre", diz Ricardo.



LUMINADA E LUMINOSA

Celia (à esquerda) e Celma Casarim Mazzei, 57, não se desgrudam. Na escola, sempre foram da mesma turma. Em casa, viviam juntas mesmo tendo outros dez irmãos. Hoje, são cantoras sertanejas e só trabalham em dupla. "Como não conseguimos ficar separadas, resolvemos explorar as semelhanças profissionalmente", diz Celma. Elas interpretaram as irmãs Luminada e Luminosa, na novela "Ana Raio e Zé Trovão" (Rede Manchete, 1990). Para Celia, a pior parte de ter irmão gêmeo é se espelhar o tempo inteiro no envelhecimento do outro.

A armadilha inevitável da comparação

DE SÃO PAULO

Raquel é a má, Ruth, a boazinha. Pode parecer coisa de novela, mas é comum gêmeos ganharem rótulos do tipo "o bagunceiro e o quieto", "o carente e o independente".

"É inevitável. Sempre vai ter um mais dependente e outro mais falante", afirma a psicóloga Charbelle Jabbour, que tem uma irmã gêmea.

O problema não é reconhecer as diferenças: é falar sobre elas atribuindo valores positivos ou negativos.

"Para as crianças, a diferença ajuda no desenvolvimento. Quem atribui valor são os adultos", explica a neurocientista Elvira Souza.

O risco de se comparar irmãos gêmeos ou mesmo de idades diferentes é acabar estimulando a competição.

"Muitos usam o outro irmão como referência e fazem tudo pensando em ser melhor ou igual", diz Charbelle.

Outro risco é as crianças le-

varem os rótulos a sério e assumirem de vez o papel.

"Todo mundo é um pouco bagunceiro, bonzinho ou quieto. É preciso que os pais valorizem diferenças e qualidades", diz a psicoterapeuta Sâmara Jorge, que orienta pais de gêmeos.

Isso de "valorizar diferenças e qualidades" pode ser fá-

“ Os pais se pautam em uma ideia de justiça, mas ninguém precisa de carinho igual. É preciso admitir que eles não têm as mesmas necessidades ”

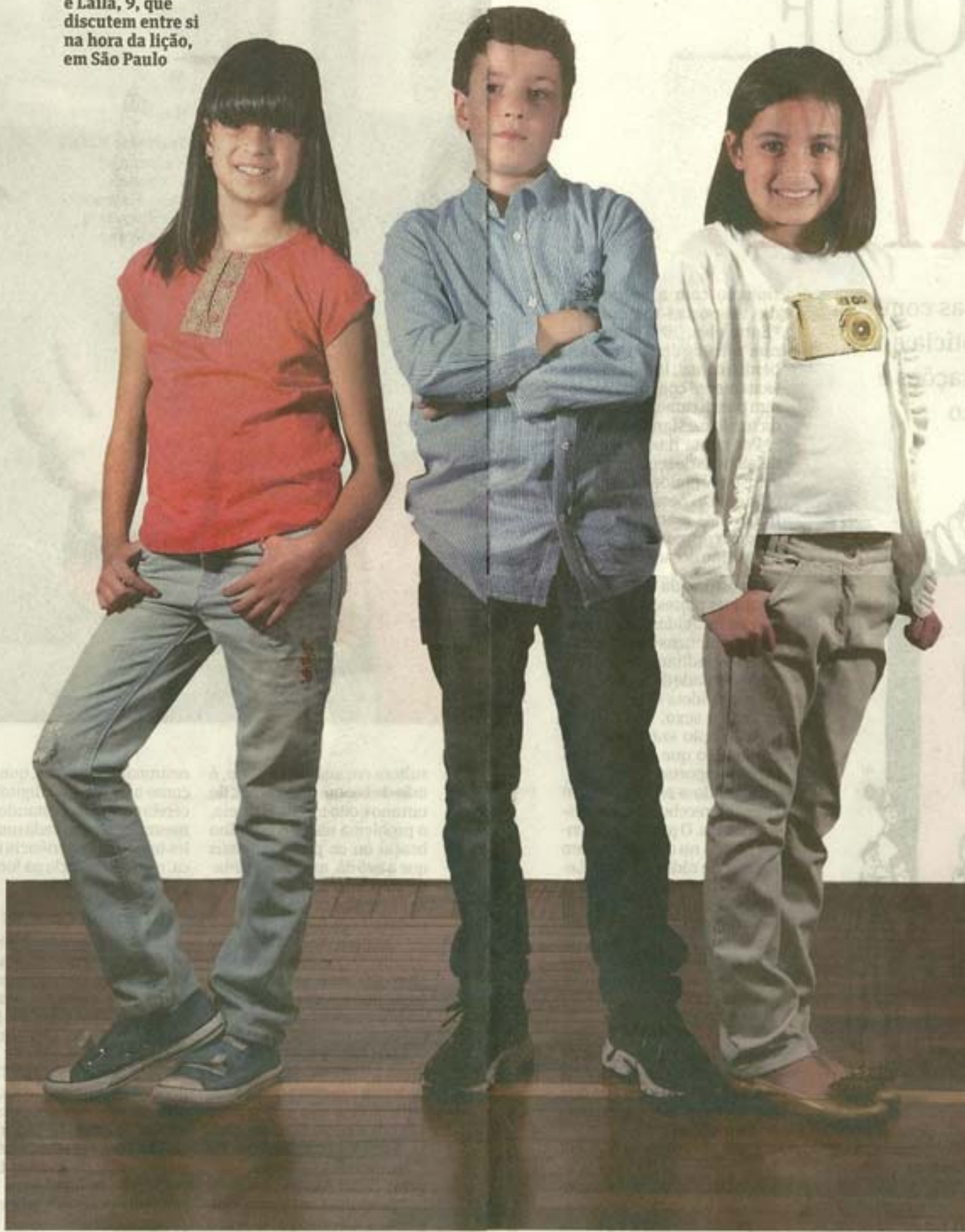
cil de dizer, mas é difícil de aplicar. A psicóloga Alessandra Vieira, professora da Universidade Federal de Goiás, estudou educação de gêmeos na sua tese de doutorado. Ela descobriu que a crença de que os irmãos são iguais ainda é muito forte.

Um exemplo é essa história de a mãe tentar dar a mesma atenção aos dois. "Os pais se pautam em uma ideia de justiça, mas ninguém precisa de carinho igual. É preciso admitir que eles não têm as mesmas necessidades."

Na prática, se um pedir mais atenção, dê sem medo. "A mãe pode fixar um limite e procurar incluir o outro", diz Sâmara Jorge.

Quanto às comparações, a recomendação é conversar com as crianças e tentar prepará-las para ouvir comentários inconvenientes. Além disso, pedir a parentes que evitem falar coisas tipo "ele é mais agitado, né?". Tarefa difícil. (JULIANA VINES)

Os trigêmeos Maia (à esq.), Henry e Laila, 9, que discutem entre si na hora da lição, em São Paulo



Fotos Adriano Vicensi/Folhapress



CIÚME EM FAMÍLIA

Eloisa (dir.) é comerciante e Cláudia Fuser Barra é terapeuta. As duas, hoje com 51 anos, estudaram juntas a maior parte da vida. Os pais bem que tentaram matriculá-las em escolas diferentes, mas elas protestaram: "Não existe fórmula na educação de gêmeos, é preciso respeitar a vontade das crianças", diz Eloisa. A irmã mais velha delas também teve gêmeos, hoje com 28 anos. "Meu cunhado sempre diz que não tem ciúmes da minha irmã, mas tem de mim. Ele não quer que eu seja vista com qualquer um para não pensarem mal dele", brinca Cláudia, que é solteira.

‘Eles iam se matar se estudassem juntos’

DE SÃO PAULO

Os trigêmeos da empresária Majoy Antabi, 38, estudam separados desde a pré-escola. "Foi uma escolha minha. Eles têm personalidade muito forte." Mesmo em casa já discutem quando estão fazendo lição. "Um diz que terminou primeiro, que o outro é burro. Eles iam se matar se estudassem na mesma sala."

Majoy tem um site de gêmeos (multiplos.com.br) e vive respondendo a dúvidas de pais. "Sempre me perguntam quando eles deram mais trabalho. Digo que a pior fase é agora, que eles têm nove anos. O trabalho deixa de ser braçal e passa a ser mental."

A maioria das escolas particulares tem como regra separar os gêmeos, para que cada um tenha sua turma e não acabe se apoiando no outro. "Dizem que é para facilitar a vida dos irmãos, mas às vezes facilita a vida da escola", diz a terapeuta Sâmara Jorge.

Para ela, ficar um tempo na mesma sala, quando pequenos, pode ajudar na adaptação. "Não dá para fazer de conta que o vínculo não existe." Depois, o melhor é separar mesmo.

A psicopedagoga Neide Noffs, da PUC, concorda. "A preocupação é a individualização. Muitos professores

não sabem lidar." Mas não

precisa exagerar e colocar cada um em uma escola. A individualização é importante na escolha de roupas e brinquedos. Cada um deve ter suas coisas e ser estimulado a manifestar a sua vontade. De novo, sem exageros: podem dormir em duas camas, mas no mesmo quarto. São irmãos, afinal.

"Se querem festas com temas diferentes, tudo bem. Mas não é errado ou preocupante quererem a mesma decoração e o mesmo presente", afirma Quêzia Bombonato, terapeuta familiar e presidente da Associação Brasileira de Psicopedagogia. Mas como saber quando a cumplicidade e a afinidade da dupla estão se tornando dependência? "Se um gêmeo não fica sem o outro e não consegue se relacionar com outras pessoas", explica a psicanalista Marina Kon Bilenky. Nesse caso, é melhor procurar ajuda. (IV)